



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

1. Noção de signo de C. S. PEIRCE

Conforme Santaella (2001) um signo pode ser dividido em dois objetos e três interpretantes. Os objetos podem ser imediatos ou dinâmicos e os interpretantes imediato, dinâmico e final. O interpretante dinâmico pode se subdividir ainda em emocional, energético e lógico.

O objeto do signo é a realidade onde o mesmo se enraíza, o ambiente que o signo vive e onde interage com outros existentes. Nele estão as suas materialidades e como horizonte de eventos. O objeto dinâmico é a materialidade externa e mediata ao signo, sucessão de eventos incessantes que se forçam sobre o mesmo. Para adentrar no signo, o mundo externo precisa de um intérprete, um algo que esteja atuando e se estendendo sobre o que aí está para ser interpretado. O objeto dinâmico adentra o intérprete como objeto imediato, sugerindo, indicando ou representando o externo.

O interpretante é um processo evolutivo, onde sua situação imediata pode ser compreendida como “um potencial ainda não atualizado do signo...” (ibid. p. 47). O interpretante dinâmico é a evolução da interpretação para além do imediato, podendo ser emocional quando sentimentos, energético quando esforço e lógico quando em forma de regras da interpretação.

2. Sinequismo



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

The Law of Mind (1892) iniciou a maturação do conceito. Diferente da crença nominalista de que idéias são instantâneos descontínuos, para Peirce elas seriam mais bem compreendidas como ciclos recorrentes com episódios imediatos, divididos sempre em três instantes: início, meio e fim. A relação geral dos eventos contínuos era dada por uma percepção mediata, como um horizonte objetivo espalhado no real. Esta era também a base da percepção imediata, subjetividade momentânea num intervalo emergente. E nesse sentido os ciclos de subjetividade se misturam aos eventos objetivos, onde uma consciência imediata é ao mesmo tempo parte da mediata. Dela extrai e devolve seus sentidos costurando cada momento consciente.

Esse horizonte mediato que se desdobra em imediato está na base dos estudos da percepção do autor em seu manuscrito Telepathy (1903). O mediato, denominado percepto e o imediato, julgamentos perceptivo, se referiam ao fenômeno contínuo e sua semiose, onde o percepto era tomado como objeto e o julgamento perceptivo como signo desse objeto.

Também é relevante a discussão sobre os interpretantes. Conforme nos informa De Tienne em Time and the Flow of Signs: Semiosis and Chronogomy (2012), como evento contínuo, o percepto tem a forma de objeto dinâmico, enquanto o julgamento perceptivo são as proposições



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

simbólicas que emergem. Esse julgamento perceptivo como signo de um objeto dinâmico gera uma cadeia de interpretantes. O primeiro deles imediato, uma aquisição direta, caótica e incontrollável desses eventos.

A esse interpretante imediato denomina-se percipuum. De Tienne (ibid.) mostra ainda que Peirce evolui o entendimento sobre o percipuum pautado na compreensão de que a interpretação também tem seu contínuo.

Na junção dos entendimentos sobre sinequismo e percepção Peirce coloca o percepto como os eventos incessantes que precedem o percipuum e o percipuum como eventos incessantes anteriores ao julgamento. O percepto é mediato ao percipuum, que nessa relação tem características imediatas; e o percipuum é mediato ao julgamento perceptivo.

3. A percepção em Peirce

Em Santaella (2008), vejamos os três momentos mais de perto:

Percepto: O que percebemos? Percebemos aquilo que persiste na nossa presença, algo impositivo e que não é criado por nosso interno, mas que se apresenta aos nossos sentidos como um existente à ser apreendido. Trata-se do elemento externo iniciador, mas não suficiente por si só, pois, sem elementos generalizadores, racionais e interpretantes como a mente interna, o ato perceptivo não se completaria. Temos como exemplo o ambiente



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

externo onde o pesquisador está inserido e a que o mesmo não está se relacionando diretamente, apenas presente, mas ausente da atenção.

Percipuum: aquele que capta o percepto e o conduz ao julgamento perceptivo. Ele se estende sobre o externo através de nossos sentidos e a apresenta de maneira transformada em visão, audição, tato e demais sentidos ao julgamento. É ainda o depositário das experiências do julgamento perceptivo. Se o interpretante for, por exemplo, o mesmo pesquisador, tudo aquilo que o mesmo aprendeu ao longo de suas pesquisas, mas que não está sempre presente em sua consciência e de alguma maneira se apresenta a atenção quando necessário são elementos do horizonte de eventos do percipuum.

O julgamento perceptivo são inferências lógicas, generalizantes, simbólicas que acomodam as interpretações em esquemas mais ou menos habituais. Nascido na primeira razão, à fala que tenta descrever aquilo que estamos percebendo no domínio consciente e findado nas construções racionais e argumentos mais complexos que se expressam numa ação deliberada como a verdade possível que concebemos em determinado momento.

Segundo Bernstein (1964) é no julgamento que está uma das contribuições mais originais de Peirce, pelo fato do mesmo inferir o conceito de abdução



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

como o fator iniciante do juízo precedendo, conforme a lógica crítica peirciana, a indução e dedução. E pelo fato da abdução estar situada na abertura do processo como pensamentos ainda não refletidos, é através dela que nosso sequestro cultural pré-consciente opera, trazendo toda influência sócio-histórica que foram incorporados durante o processo de formação do indivíduo. Portanto a lógica crítica Peirciana não trata dedução e indução separadamente, mas funda-as como uma cadeia entrelaçada, onde abdução é mediata a dedução e a dedução é mediata e indução.

4. Lógica crítica peirceana

Para o pensamento pragmático do autor, tudo aquilo que é presentificado pelo percipuum ao julgamento deve ser vagorosamente analisado. Como exercícios de rotação mental de um objeto, os movimentos de abdução, dedução e indução devem compor todo processo até a ação deliberada.

(...) os elementos de todo conceito entram no pensamento lógico pela porta da percepção e encontram sua saída pela porta da ação propositada; e aquilo que não puder mostrar seu passaporte nessas duas portas deve ser preso como não autorizado pela razão. (...) (CP 1.202)

No exemplo abaixo utilizado por Peirce, retirado da Stanford Encyclopedia of Philosophy (Burch, 2001) podemos ver a operação lógica:



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

Dedução: O silogismo AAA-1: todos M são P, todos S são M, portanto todos S são P é um exemplo de dedução. Agora façamos uma ligação desse silogismo com um problema de amostragem. Suponha-se que ser M significa pertencer a uma dada população, por exemplo, uma bola numa população de bolas em alguma urna. E ainda que P seja uma característica de um membro dessa população, por exemplo, ser vermelho. E por fim sugerir que ser S significa ser membro de uma amostra aleatória retirada da população. Desse modo o silogismo ficaria: todas as bolas numa urna são vermelhas, todas as bolas de uma amostra aleatória particular são retiradas dessa urna, portanto todas as bolas dessa amostra particular são vermelhas.

Indução: Vejamos o que acontece se trocarmos a premissa principal pela conclusão. Todos S são P, todos S são M, logo todos M são P. Esse é um silogismo inválido AAA-3. Considere-se esse argumento em termos do problema de amostragem: todas as bolas numa amostra particular são vermelhas, todas as bolas dessa amostra aleatória particular são retiradas de uma urna, logo todas as bolas dessa urna são vermelhas. Encontramos assim um argumento que liga a amostra à população, uma indução.

Abdução: Por fim vejamos o que acontece se trocarmos a premissa menor pela conclusão: Todos M são P, todos S são P, logo todos S são M. Esse é



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

também um silogismo inválido AAA-2. Vejamos esse resultado na teoria de amostragem: Todas as bolas numa urna são vermelhas, todas as bolas de uma amostra aleatória particular são vermelhas, logo todas as bolas dessa amostra aleatória particular são retiradas dessa urna. Temos aqui um argumento que não vai da população para a amostra (ded.), nem da amostra para a população (ind.), é um argumento provável que C.P. nomeou abdução. O fato das bolas serem vermelhas faz com que seja provável que elas pertençam a uma urna, mas não há garantia a esse respeito.

Em termos lógicos tanto a abdução quanto a indução estão incorretos, mas ocorrem numa ação perceptiva. E a construção de hipóteses a partir da observação do ambiente, de dados e regularidades é a base da ação pragmática. O salto abduutivo é criativo, produz hipóteses a partir dessas observações empíricas num relâmpago e de maneira incerta, enquanto a dedução estabelece os raciocínios necessários para o discernimento e compreensão da população, um cálculo que busca amostras, recortes, padrões do real. A indução é a ação deliberada, autorizada, quando uma crença já sofreu seus devidos questionamentos, a ponto de adquirir certa coerência, aplica o pensamento ao objeto, estende sua tentativa de controle sobre a população, é o instante final de uma ação pragmática.



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

5. Hipótese e problema

O funcionamento da lógica do humano pode ser compreendido à luz dos escritos de C. S. Peirce, como visto. Observa-se, portanto, que essa dinâmica interna do ser se dá em três instantes. A abdução, um relâmpago; a dedução, um cálculo; e indução, a aplicação.

Com o advento do pós-humanismo (Santaella 2012) no contexto da revolução digital, fatos indicam que esse movimento exclusivamente interno do ser está com suas fronteiras em questão. O humano acoplado a suportes digitais dotados de poder computacional e conectividade global, possivelmente têm seu papel atuante no privilégio da abdução, enquanto as deduções têm intensificado sua ocorrência no domínio externo do digital. A indução, portanto, parece carregar nessas situações um hibridismo.

Seguindo um possível aceite dessa hipótese, onde aparentemente as relevâncias entre a lógica humana e a lógica dos dispositivos digitais se horizontalizam no ato pragmático, lança-se a questão de quais seriam as bases de um conceito que fundamente o funcionamento do pragmaticismo no pós-humano? E quais seriam suas consequências?

Bibliografia



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

BERNSTEIN, Richard J. *Peirce's theory of perception*. Studies in the philosophy of Charles Sanders Peirce, E. C. Moore e R. S. Robin (eds.) Amherst: The University of Massachusetts Press, 165-189, 1964.

BURCH, R., "Charles Sanders Peirce", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2001 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2001/entries/peirce>>.

DE TIENNE, A. Time and the Flow of Signs: Semiosis and Chronogomy. VI Advanced Seminar on Peirce Philosophy and Semiotics. 2012.

DONALD, M. *Origens do pensamento moderno: três estágios na evolução da cultura e da cognição*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 1999.

KIRSH, D. & MAGLIO, P. 1994. On distinguishing epistemic from pragmatic action. *Cognitive Science* 18:513-49.

PEIRCE, C., S. Selected Writings (Values in a Universe of Chance), ed. Philip Wiener, Dover Publications, New York, 1958.

_____. The Essential Peirce, Selected Philosophical Writings, Indiana University Press. 1992.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem do pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.



V Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2012
Pragmaticismo e o pós-humano
Adelino Gala adelinogala@gmail.com
Orientadora Professora Dra. Lucia Santaella
Aprendizagem e Semiótica Cognitiva

_____. *Metaciência como guia de pesquisa*. São Paulo:
Mérito, 2008.

_____. *Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor
imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.